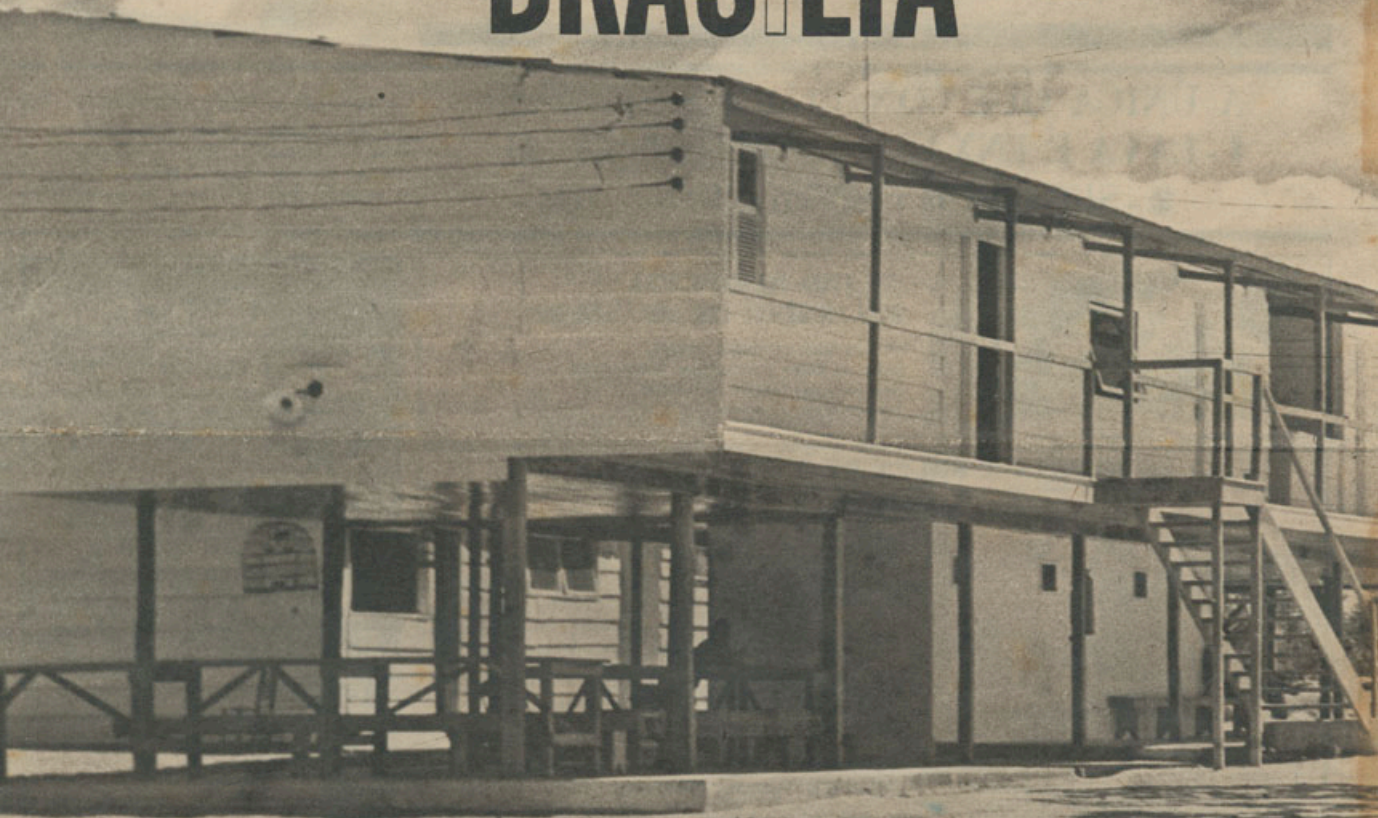


DOIS POETAS CANTAM BRASÍLIA



**Os versos
de Vinicius
e a música de
Tom Jobim
fazem escala
no Catelinho**

JÁ é famosa a história do pedido feito pelo Presidente Juscelino ao compositor Tom Jobim para que este escrevesse um hino a Brasília. Mas o entendimento a respeito tivera lugar durante uma rápida apresentação, numa festa, e o músico encorajado como uma simples gentileza oficial. Dois anos mais tarde, ao avistar-se com o Presidente em outra recepção, Tom cumprimentou-o:

— Muito prazer.

JK, sorriso largo e olhos apertados, retrucou:



— Muito prazer o quê? Cadê meu hino, só?
Na verdade, o "Hino a Brasília" era uma antiga
idéia do Presidente e ele não poderia tê-la esquecido
fácilmente. Depois de encomendada a música,
à sua maneira dinâmica e imprevisível, tratou de pro-
videnciar um letrista de primeira. Vinícius de Mo-
rais, poeta e compositor, estava servindo como cón-
sul brasileiro em Montevidéu. O pedido foi feito pelo
telefone internacional. Vinícius, naturalmente, disse
que sim. O assunto seria tratado com o maior
carinho possível na primeira oportunidade.



A famosa dupla já conquistou pássaros e candanguinhos

...TÃO BOLANDO, NA TRANQUILIDADE DA NOVA CAPITAL, UM ESPETÁCULO MONUMENTAL, CUJA APRESENTAÇÃO ESTÁ PROGRAMADA PARA A PRAÇA DOS TRÊS PODÊRES.

CLUSÃO: Tom e Vinícius estão, atualmente, em Brasília, confortavelmente instalados no já legendário Catetinho. A tarefa destinada a esta famosa dupla ultrapassou, porém, os rígidos limites de um hino. Eles estão elaborando a música e o texto de um fantástico "Espetáculo de Som" que será brevemente apresentado na Praça dos Três Podêres. De camisa esporte, bebendo a água de uma vertente natural que há proximidades, Tom e Vinícius desfrutam de uma situação *sui-generis* numa uema artístico ocidental: comendo bem e dormindo melhor, patros pelo Estado, têm como única atribuição a de compor, e bem.

Quatro anos atrás, quando sentaram para trabalhar juntos pela primeira vez, as condições eram bem diferentes. Conheceram-se na madrugada, num bar de Copacabana. Ali chegaram depois de percorrer os lugares diferentes, mas ambos sob o denominador comum da poesia. Um com o piano; outro, com as palavras.

Quando o conselheiro Vinícius de Moraes voltava da Europa, em 1956, no meio da bagagem de poucas roupas e muitos livros, um velho e o esbôço de uma peça teatral que alinhavara durante agitadas parisienses. Como bom poeta, o fascínio da lenda de Orfeu era instantâneo para ele. Conhecia os versos da ópera de Gluck, associava a música sincopada da opereta de Offenbach e tinha bem gravadas as imagens do filme de Cocteau. Concebeu o cantor da Trácia como um negro carioca e batizou-o de "Orfeu da Conceição". Os versos estavam já menos delineados: uma síntese da gíria carioca com o lirismo da linguagem. Quanto à lira, o violão seria um substituto à altura.

A origem carioca do Orfeu manifestava-se quando ele cantava: *... r, seja legal; você bota muita banca, infelizmente eu não sou jornalista. A poesia do amor quando dizia a Eurídice: "Existiria a verdade, que ninguém vê, se todos fossem no mundo iguais a você..."* No princípio, enunciado por outro poeta, que "sob a pele das palavras escondem-se cifras e códigos", o poeta Vinícius de Moraes dava a uma transformação nos padrões usuais das letras das músicas populares brasileiras. Ele não escreveu, para a sua peça, versos fáceis de serem musicados, mas letras autênticas de música, cheias de poesia e sensibilidade, uma mensagem direta para qualquer tipo de público: "*Não posso falar o teu olhar/dentro dos olhos meus/Mulher amada/martírio madrugada/sereno dos meus olhos já correu.*" Vinícius sabia que tipo de música seus versos exigiam, mas mal sabia que o violão. Sua improvisação não bastaria para extrair a música

exata, a música ideal, para as ações que concebera no palco. Seu Orfeu pisaria em cenários de Niemeyer, precisava ser envolvido por melodias ao mesmo tempo místicas, renovadas, sofridas e impressionantes.

Foi quando Tom apareceu.

Os frequentadores das madrugadas cariocas já estavam habituados à batida diferente de um piano tocado por aquele rapaz cujos gestos evocavam uma tristeza permanente. Mesmo seus sambinhas ligeiros deixavam filtrar um toque de melancolia, uma longínqua idéia do negro. Suas mãos finas, pegando a todo momento o copo suado que manchava o "teclado do piano", extraíam do instrumento acordes originais. Seu rosto de menino, com o cabelo escorrido na testa, não permitia antever que ele, Antônio Carlos Jobim, o Tom, era maestro, compositor e autor de muitas gravações.

No burburinho de uma noite quente, Lúcio Rangel pegou Vinícius pela lapela e apontou:

— Olha, aquele que está bebendo na terceira mesa, no meu entender, é o único camarada que pode quebrar teu galho.

Uma identificação recíproca aflorou do encontro Tom-Vinícius. Logo no dia seguinte, ao meio-dia, a música de "Orfeu da Conceição" começava a brotar das teclas do piano. Versos como "*uma mulher que é como a própria lua/tão linda que só espalha sofrimento/tão cheia de pudor que vive nua*", amoldavam-se à inspiração de Tom Jobim.

A peça, apresentada no Municipal do Rio, foi uma introdução ao espetacular sucesso do filme dela decalcado: "Orfeu do Carnaval". A parceria do poeta e do pianista rendeu, no cinema, saborosos frutos: "*A felicidade é como a gota/de orvalho numa pétala de flor/Brilha tranqüila/depois de leve oscila/E cai como uma lágrima de amor*".

Dos momentos de criação conjunta nasceu entre os dois, também, uma sólida amizade. Invicta, como diz o próprio Tom.

— Dizem que é comum a briga entre parceiros. Acho que eu e Vinícius quebraremos esse tabu. Há quatro anos que fazemos mútuas concessões e quando chegamos à conclusão que alguma coisa não pode ser, nenhum dos dois se aborrece. O poeta é terrível e suas palavras levam minhas mãos a acordes entre plantas retorcidas e longínquas galáxias.

Vinícius não faz por menos:

— Tonzinho é um rapaz que sabe de tudo. Sempre fiz sambinhas mas sem a sua música não teria criado um tempo dos meus sucessos. Não conheço talento maior do que o dele.

BRASILIA.

"Quando a
cabeça
esquenta,
faz-se
um
sambinha
para
distrair".



Tudo pode
acontecer sob o céu
de Brasília; os
compositores
também
cozinham.

O que mais caracteriza o sentido renovador das criações da dupla é a introdução, nas canções populares, de valores poéticos modernos. Algo parecido com o "Barbara" de Jacques Prévert. Quem procura fazer a teoria da bossa-nova — e por conseguinte das composições de Vinícius e Tom — diz: com eles a tristeza começou a ser cantada sem desespero, a flor ganhou um perfume novo e acrescentaram ao samba um ritmo mais sincopado. Nessa mesma base, têm, compostas, mais de 40 canções, sendo que uma delas — "Se Todos Fôsem Iguais a Você" — já mereceu 28 interpretações diferentes. Seus maiores sucessos são: "Chega de Saudade", "A Felicidade", "Nosso Amor", "Serenata do Adeus" e "Canta Mais". O mais recente trabalho chama-se "Água de Beber". É o primeiro resultado do atual refúgio em Brasília.

Longe da boêmia carioca, que tanto adoram, Tom e Vinícius estão na nova Capital por conta da música. Num ambiente de paz, produzem o que poderá ser uma das maiores obras da música popular contemporânea.

— O sossego e a tranqüilidade de espírito ajudam muito à poesia. Quando a cabeça começa a esquentar, a gente faz um sambinha para distrair.

E Vinícius de Moraes embrenha-se no bosque que rodeia o Catetinho, onde a inspiração chega espontânea, "como o orvalho numa pétala de flor".

O "Espetáculo de Som e Luz", para o qual estão trabalhando, é calcado nas reconstituições históricas feitas nos castelos franceses, tendo, como base, diálogos, cantos e música, além de efeitos luminosos. Como o passado de Brasília é muito recente, os autores depararam com a primeira dificuldade: não há margem para a apresentação de personagens tradicionais.

— Teremos de fazer um texto de tom lírico — explica Vinícius.

A obra está dividida em quatro partes. Na primeira, será feita a "Evoção do Planalto", antes da sua conquista e marcando a aparição dos bandeirantes. Terá a duração de cinco minutos.

O segundo movimento consistirá na chegada do homem novo, com a "Evoção de José Bonifácio" e alusões à idéia original da mudança da Capital. O terceiro movimento compreende a "Convocação das Forças Novas", para a construção de Brasília, com a chegada do Candango. Nesta parte, Tom Jobim adaptou um tema folclórico que simboliza a descida do nordestino para o centro do País.

A última parte focalizará a construção da cidade, com pouco texto e muita música. Segue-se o último episódio, o "Fim do Dia", com um coral cantando o descanso dos homens.

Vinícius e Tom não citam nomes de pessoas vivas ou mortas, para que o espetáculo não tenha um caráter pessoal. Pretendem evitar, também, as patriotadas. Querem mostrar um tema grandioso sobre a cidade e o que ela representa para o País numa alternância bem jogada de músicas e palavras.

"Som e Luz" será um espetáculo audacioso e exigirá centenas de figurantes na representação, cujos movimentos terão como fundo uma orquestra sinfônica de mais de cem elementos e um grande coral misto.

Vinícius já preveniu ao Presidente que, para ficar bom, o espetáculo só poderá ser apresentado por volta de novembro. Enquanto isso, o trabalho da dupla só é interrompido pelas centenas de turistas brasileiros estrangeiros que querem ver os aposentos onde JK dormiu a sua primeira noite no Catetinho. E é bem possível que este acontecimento histórico ainda acabe virando, de quebra, um sambinha com características de bossa-nova.



DESTE LUGAR NASCEU UM SAMBA QUE FARÁ MUITO SUCESSO: "ÁGUA DE BEBER".